

OBJETIVOS DA UNIDADE DE APOIO À FAMÍLIA DOS NÚCLEOS DE ATIVIDADES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

OBJECTIVES OF SUPPORT FAMILY UNITS IN THE CORE OF ACTIVITIES FOR HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS

Viviane Tramontina LEONESSA¹
Maria Cristina MARQUEZINE²

RESUMO: A presente pesquisa teve por objetivo geral identificar os profissionais que atuam nas UAF dos NAAH/S dos estados da Federação e Distrito Federal e descrever os objetivos estabelecidos pelos serviços. Como não foram encontrados trabalhos relacionados ao tema proposto, o presente estudo pode ser considerado inovador, configurando-se como pesquisa *Survey*. Participaram do estudo onze NAAH/S, representados pelos coordenadores da unidade pesquisada. O questionário foi elaborado com o auxílio de duas fontes: o Documento Orientador: Execução da Ação e os dados de entrevistas realizadas com pesquisadoras de renome nacional na área de AH/SD. O instrumento de coleta dos dados consistiu em um questionário eletrônico com questões abertas e fechadas, criadas em aplicativo do *Google Drive*, enviado a todos os núcleos por *email*. Os dados receberam tratamento quali-quantitativo, ou seja, as questões objetivas receberam tratamento estatístico e as informações subjetivas foram agrupadas em temas de análise criados a partir dos conteúdos das respostas apresentadas nas questões, denominadas análise de conteúdo. Os principais resultados demonstraram que os profissionais que atuavam nas unidades eram, em sua maioria, pedagogos e psicólogos, mas existiam também outras formações, que iam do ensino médio/técnico a outros cursos superiores. Em relação aos objetivos do serviço, corroboram com as propostas apresentadas pelo documento orientador de implantação dos NAAH/S e com pesquisadores da área.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Altas Habilidades/Superdotação. Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). Família.

ABSTRACT: This present research meant to identify professionals that act in the UAF of NAAH/S – a Support Unit for the Family in the Core of Activities for High Abilities/Giftedness, located in the states and Federal District and describe the goals set by service. As there was no work related to this theme, the present study may be considered innovative and defined as a Survey. Eleven NAAH/S, represented by their unit coordinators were researched. The questionnaire was prepared with the aid of two sources: The guiding document: Implementation of Action and the data from interviews with nationally renowned researchers in the area of AH / SD. The instrument for data collection comprehend an electronic questionnaire with open and closed questions entered into a Google Drive application and sent to the members of the core by e-mail. The data were treated qualitatively and quantitatively, that is, the objective questions were submitted to descriptive statistics and the subjective data were grouped in categories of analysis according to their contents and treated as content analysis. Main results evidenced that most professionals were pedagogues and psychologists. Other professionals were graduates from secondary or technical schools or from other type of higher education. About the objectives of the service, are according to the proposals of guiding document for implementation of NAAH/S and researchers in area.

KEYWORDS: Special Education. High abilities/giftedness. NAAH/S – Core of Activities for High Abilities/Giftedness. Family.

¹ Mestre em Educação. Universidade Estadual de Londrina e NAAH/S. vivitramontina@gmail.com.

² Doutora em Educação. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. mcristmarquezine@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em face das dificuldades vivenciadas em todo o território brasileiro, referentes à identificação e ao trabalho educacional com alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD), a antiga Secretaria de Educação Especial, em parceria com a UNESCO, propôs a implantação do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) (BARRERA PÉREZ; FREITAS, 2011; LIMA, 2011). Anjos (2011, p. 50) ressaltou que “em alguns estados esses núcleos representaram a primeira oportunidade de novos horizontes para aqueles que precisavam de apoio nessa área”.

Conforme o Documento Orientador: Execução da Ação, o NAAH/S tem por objetivo:

[...] atender os alunos com altas habilidades/superdotação; promover a formação e capacitação dos professores e profissionais da educação para identificar e atender a esses alunos; oferecer acompanhamento aos pais dessas crianças e à comunidade escolar em geral, no sentido de produzir conhecimentos sobre o tema e disseminar informações e colaborar para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade (BRASIL, 2006, p. 11).

Para que se possa formar uma unidade, o MEC propõe que todos os NAAH/S tenham a mesma denominação e utilizem o mesmo logotipo, acatando também a estrutura proposta para o serviço, que oferece três unidades de atendimento: a Unidade de Atendimento ao Aluno, a Unidade de Atendimento ao Professor e a Unidade de Apoio à Família (UAF), havendo em cada uma delas, funções e profissionais específicos, conforme o Documento Orientador de implantação dos núcleos (BRASIL, 2006). A UAF, objeto do presente estudo, consiste em “[...] prestar orientação e suporte psicológico e emocional à família, com vistas à compreensão do comportamento dos seus filhos, melhorando as relações interpessoais e incentivando o desenvolvimento das potencialidades dos alunos [...]” (BRASIL, 2006, p. 25).

A proposta de oferecer atendimento à família do aluno com AH/SD pode ser considerada um suplemento que corrobora os objetivos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Nela afirma-se a importância da participação da família e da comunidade no processo de inclusão e atendimento às necessidades educacionais especiais do aluno. O Decreto nº 7.611/2011, em seu artigo segundo, vem ratificar o documento supracitado ao explicitar

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011).

Em suas pesquisas e estudos, Dettman e Colangelo (2004, *apud* ASPESI, 2007) destacam as principais necessidades e/ou fragilidades dos pais, quando descobrem que os filhos têm AH/SD, e sugerem que elas sejam trabalhadas nos serviços prestados às famílias do aluno com AH/SD. São elas: dúvidas quanto ao seu papel na identificação da superdotação do filho; ansiedade diante do desempenho do filho e confusão sobre a medida adequada de estímulos que lhe devem ser oferecida; desconhecimento sobre como lidar com os problemas de relacionamento familiar e dificuldades pessoais diante de um filho superdotado; os pais

desejam participar mais da educação do filho e querem ser atuantes na escola, mas sentem-se inseguros não sabendo qual é o seu papel e qual o da escola.

Aspesi (2007) e Sabatella (2005, 2007) ressaltam que mais do que o recebimento de informações e orientações, os pais também sentem necessidade de conhecer outros pais de superdotados para trocarem experiências por terem muitos pontos em comum.

Analisando-se o que sugere a literatura, quanto ao cuidado da família do aluno superdotado, observa-se harmonia entre esta e o Documento Orientador: Execução da Ação (BRASIL, 2006), o qual propõe o serviço da UAF dos NAAH/S. Aspesi (2007) elenca algumas estratégias capazes de nortear a ação do psicólogo em programas de atendimento ao aluno com AH/SD que corroboram as ações apresentadas no documento orientador do NAAH/S:

- a) tanto a família quanto a comunidade devem receber informações sobre as características cognitivas, sociais e afetivas da pessoa com AH/SD para que sejam capazes de tomar decisões cada vez mais seguras sobre a identificação e a educação desses alunos;
- b) o psicólogo poderá realizar avaliação psicológica do aluno indicado para o AEE no sentido de contribuir para o processo de identificação das AH/SD;
- c) oferecer grupos de atendimento psicoeducacional para os pais dos alunos, por meio de reuniões periódicas, com o objetivo de proporcionar momentos de orientação, informação, apoio e troca de experiências entre as famílias, colaborando também para que os pais possam participar ativamente da educação de seus filhos;
- d) organizar grupos de atendimento psicoeducacional aos alunos com AH/SD, visando orientá-los e informá-los sobre suas características e ensinando-lhes como lidar com elas;
- e) conduzir reuniões com familiares, professores ou outros profissionais para estudo de caso, visando prestar orientações ou definir estratégias de intervenção;
- e) realizar visitas periódicas à escola do aluno atendido para o esclarecimento de dúvidas sobre as características do aluno e de procedimentos necessários ao seu desenvolvimento.

As ações sugeridas pela referida autora confirmam a necessidade de desenvolver a autonomia dos pais na educação do filho com AH/SD e favorecer uma relação mais próxima entre eles, a escola e o serviço educacional especializado. Para a efetivação dessas ações, pesquisas científicas devem servir de apoio e referência aos profissionais que assumem essa difícil tarefa de atender a família da pessoa com AH/SD, para que propostas tão importantes não se percam ou se desvirtuem.

Diante do exposto, o presente estudo teve por objetivo geral identificar os profissionais que atuam nas UAF dos NAAH/S dos estados da Federação e Distrito Federal e descrever os objetivos estabelecidos pelos serviços.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa onze (40.74%) dos 27 NAAH/S distribuídos nos estados brasileiros e Distrito Federal, representados pelos coordenadores da UAF. Destes participantes

coordenadores das UAF, verificou-se que todos (100%) eram do gênero feminino, com idade média de 44 anos, sendo mínima de 27 e máxima de 61 anos.

MATERIAL

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário eletrônico com questões abertas e fechadas, criadas no aplicativo denominado “Formulário” do *Google Drive*. O questionário foi elaborado com o auxílio de duas fontes: o Documento Orientador: Execução da Ação (BRASIL, 2006), que subsidiam a implantação, organização e as ações dos NAAH/S, e os dados de entrevistas realizadas com pesquisadoras de renome nacional na área de AH/SD.

Após sua elaboração, foi submetido à apreciação de juízes que possuem grande experiência em pesquisas científicas e montagem de instrumento de coleta de dados, sendo também realizado um estudo-piloto com duas profissionais da área de AH/SD. O instrumento final constou de 19 questões, divididas em quatro temas: a) informações gerais sobre o NAAH/S, a UAF e os profissionais que fazem parte dessa unidade; b) formação inicial e continuada dos profissionais da UAF; c) objetivos da UAF; d) atividades realizadas pela unidade e e) avaliação do próprio instrumento. Como o presente artigo é um recorte de um estudo maior, serão apresentadas apenas questões dos itens “c” e “d”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tipo de pesquisa adotada para este estudo configurou-se como *Survey*. Conforme Babbie (2005), os métodos de *survey* são importantes quando se está começando a investigação de algum tema, pois podem fornecer caminhos para pesquisas futuras. Como o tema proposto neste estudo pode ser considerado inovador, visto que não foram encontradas pesquisas sobre o atendimento à família nos NAAH/S, a escolha desse procedimento foi considerada a mais adequada.

PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Como o instrumento de coleta dos dados possuía questões objetivas e dissertativas, os dados receberam tratamento quali-quantitativo (MARQUEZINE, 2006). As questões objetivas receberam tratamento estatístico e as informações subjetivas foram agrupadas em temas de análise, com base nos conteúdos das respostas, denominada análise de conteúdo, conforme orientam Bardin (1977) e Marquezine (2006). Os dados coletados foram arquivados automaticamente no aplicativo “Planilha de dados” do *Google Drive*.

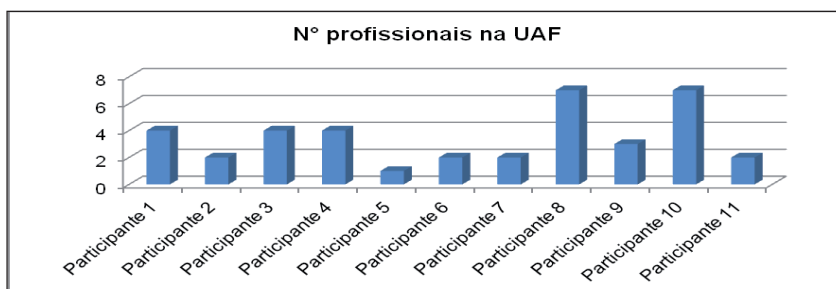
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das informações levantadas com os participantes que responderam ao instrumento de coleta de dados, foi possível identificar quantos eram os profissionais que estavam atuando nas UAF dos NAAH/S, a formação inicial dos mesmos e os objetivos estabelecidos neste serviço.

De acordo com o Documento Orientador de implantação dos NAAH/S (BRASIL, 2006), o quadro de pessoal dos núcleos deve ser definido conforme a necessidade de cada serviço, respeitando-se o perfil dos profissionais indicados para cada unidade que compõe o

NAAH/S. Em relação à quantidade de profissionais que atuam na UAF, de acordo com as informações dos participantes da pesquisa, podem-se observar, no gráfico abaixo, os seguintes resultados:

Gráfico 1 – Número de profissionais que atuavam na UAF dos NAAH/S.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No caso do participante 5, houve apenas um profissional que atuava na unidade. Os participantes 2, 6, 7 e 11 possuíam, em seu quadro, dois profissionais cada. O participante 9 dispunha de uma equipe de três profissionais. Os participantes 1, 3 e 4 possuíam uma equipe de quatro profissionais cada, e os participantes 8 e 10 contavam com um grupo de sete profissionais cada.

Em se tratando da formação desses profissionais que atuavam nas UAF, os dados demonstrados na Tabela 1 indicaram que três profissionais (8%) possuíam ensino médio ou técnico, dois (5%) eram assistentes sociais, treze profissionais (34%) possuíam formação em pedagogia, dezessete (45%) eram graduados em psicologia e três profissionais (8%) possuíam outra formação, nas áreas de artes plásticas e licenciaturas em letras e língua estrangeira, de acordo com informações coletadas pelos participantes.

Tabela 1 – Formação inicial dos profissionais que atuavam na UAF dos NAAH/S.

FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFISSIONAIS DA UAF DOS NAAH/S	Nº	%
Ensino médio/técnico	3	8
Assistente Social	2	5
Pedagogia	13	34
Psicologia	17	45
Outro	3	8
TOTAL	38	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As informações acima descritas induzem à hipótese de que algumas das UAF dos NAAH/S participantes poderiam não possuir, em seu quadro, o profissional indicado pelo Documento Orientador (BRASIL, 2006), que é o psicólogo, ou psicopedagogo. Vale destacar que, no Brasil, a formação em psicopedagogia é bastante procurada em cursos de especialização e

pode ser exercida por psicólogos, pedagogos ou outro profissional da área da educação ou saúde, como, por exemplo, o fonoaudiólogo e o terapeuta ocupacional, sendo então compreendida como área da atuação e não de profissão. O Projeto de Lei da Câmara N° 31 de 2010, elaborado pela deputada professora Raquel Teixeira, propõe a regulamentação da profissão, entretanto, ele ainda permanece em discussão.

Diante desses fatores e sabendo-se que muitos dos objetivos da UAF dos NAAH/S são da ordem da atuação do psicólogo, sobre o segundo profissional indicado pelo Documento Orientador (BRASIL, 2006), o psicopedagogo, pode-se questionar sobre como seriam realizadas algumas atividades, especialmente a avaliação por testes psicométricos e a oferta de suporte psicológico e emocional à família, quando o psicopedagogo da UAF possui outras formações iniciais que não da psicologia. Talvez seja necessário, em outro momento, que se faça uma análise mais aprofundada sobre as orientações estabelecidas no documento acima descrito para que os objetivos a serem alcançados, as ações a serem realizadas e os profissionais que compõem a equipe sejam condizentes.

Outros questionamentos referentes à Tabela 1 podem ser levantados. O primeiro deles seria compreender a finalidade da UAF de alunos com AH/SD possuir, em sua equipe, profissionais com formação nas licenciaturas em artes plásticas, letras e língua estrangeira. Outra questão seria sobre a função dos profissionais cuja formação inicial é ensino médio ou técnico. Por fim, tendo-se descrito os objetivos da UAF, no Documento Orientador (BRASIL, 2006), como se daria o trabalho de um assistente social? Quais ações estariam sendo efetivadas, além das propostas do referido documento, diante da participação do assistente social e de outros profissionais?

Ao analisarem-se os dados de modo individual, ou seja, por participante, foi possível verificar que nove UAF (82%) dos NAAH/S possuíam, em seu quadro de pessoal, o psicólogo. Nas informações que serão apresentadas mais adiante (Tabela 2), será possível verificar se há coerência entre os profissionais descritos na tabela acima e os objetivos de cada UAF dos NAAH/S participantes, especialmente aqueles objetivos que são exclusivos de psicólogos.

Tendo-se como referência as orientações do Documento Orientador (BRASIL, 2006) e as entrevistas realizadas com pesquisadoras da área – para a elaboração do instrumento de coleta de dados, descritos no método da presente pesquisa – foram levantados os objetivos a serem alcançados pelas UAF dos NAAH/S. De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, quatro objetivos foram confirmados por todos os participantes. São eles: informar e orientar a família sobre AH/SD (100%); conhecer o contexto social, familiar e escolar do aluno (100%); promover a aproximação entre família, escola e aluno (100%); e informar a família sobre os trabalhos desenvolvidos no NAAH/S, também com 100% das respostas.

Tabela 2 – Objetivos da UAF dos NAAH/S participantes.

OBJETIVOS	Nº	%
Informar e orientar a família sobre AH/SD.	11	100
Conhecer o contexto social, familiar e escolar do aluno.	11	100
Promover a aproximação entre família, escola e aluno.	11	100
Informar a família sobre os trabalhos desenvolvidos no NAAH/S.	11	100
Orientar a família sobre aspectos educacionais que visem à independência, à interdependência sociocomunitária e ao ajustamento familiar.	10	91
Sensibilizar os pais sobre a importância de sua participação e cooperação para o desenvolvimento das atividades do NAAH/S.	10	91
Oferecer suporte psicológico e emocional à família.	9	82
Utilizar procedimentos de identificação de AH/SD, quando necessário.	9	82
Acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores.	8	73
Oferecer informação, apoio e orientação aos professores.	8	73
Apoiar as ações de conscientização e sensibilização comunitárias sobre AH/SD realizadas por entidades ou órgãos governamentais e não-governamentais.	7	63
Desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD.	7	63
Apoiar os sistemas de ensino no planejamento e na organização do atendimento nas SRM.	7	63
Outro.	0	0

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esse resultado pode estar relacionado à importância de estabelecer uma parceria entre os envolvidos no trabalho com o aluno com AH/SD para seu pleno desenvolvimento. Ou seja, ao oferecer orientações e informações sobre as características e necessidades do filho, a família poderá ter maior envolvimento com a escola e com o atendimento no NAAH/S, favorecendo a participação do aluno nas atividades ofertadas. Também poderão ser mais bem compreendidas as características dessa família e da escola, identificando-se suas facilidades, dificuldades ou limitações.

Em vista dessa realidade, a UAF pode ser reconhecida como uma ponte entre a escola, o serviço especializado de atendimento ao aluno com AH/SD e a família, contribuindo com o atendimento das necessidades desse aluno. A promoção da aproximação entre a família, a escola e o aluno parece ser tarefa nada fácil de ser concretizada. Primeiramente, é preciso definir os papéis de cada um nessa relação, colaborar para que os pais se reconheçam como capazes de refletir e tomar decisões sobre a educação dos filhos e conscientizar a família e a escola de que essa parceria é relevante e viável.

Com dez respostas cada, encontraram-se dois objetivos: orientar a família sobre aspectos educacionais que visem à independência, à interdependência sociocomunitária e ao ajustamento familiar (91%); e sensibilizar os pais sobre a importância de sua participação e cooperação para com o desenvolvimento das atividades do NAAH/S (91%). Esses dois objetivos podem ser considerados como consequências positivas dos objetivos citados no parágrafo anterior, caso eles sejam alcançados. Se entender as necessidades educacionais do filho, a família reconhecerá a importância da participação dele nos atendimentos ofertados na escola e no núcleo, compreenderá o trabalho dos profissionais, as características sociais e familiares do educando e poderá valorizar o trabalho realizado com o aluno com AH/SD. Ela poderá estar mais presente e atuante e buscar ainda mais informações com os profissionais contribuindo com o trabalho da escola e do NAAH/S.

O item “oferecer suporte psicológico e emocional à família” foi apontado como objetivo da UAF por 82% dos participantes. Não é só informar e orientar a família sobre o que são as AH/SD e os serviços necessários para o desenvolvimento do aluno superdotado, mas, como já observado por alguns pesquisadores (ASPESI, 2007; SILVA; FLEITH, 2008; SAKAGUTI; BALSANELLO, 2012), as famílias podem ter dúvidas, expectativas, incertezas e angústias em relação às características do filho ou por causa das necessidades de atenção e apoio.

Apesar da possibilidade dos pais precisarem de suporte psicológico e emocional, verificou-se que os participantes do estudo reconheciam que esse é o papel do psicólogo e que tal atendimento só pode ser alcançado quando o profissional faz parte da equipe do serviço. Desse modo, as informações da tabela acima foram coerentes com o que disseram os profissionais da UAF descritos na Tabela 1, ao terem afirmado que somente as nove UAF estabeleceram esse objetivo porque tinham o psicólogo na unidade. O mesmo resultado é confirmado em relação à utilização de procedimentos de identificação de AH/SD, objetivo destacado por nove participantes (82%) que possuíam em sua equipe o psicólogo. Possivelmente, o envolvimento da UAF, na identificação do aluno com AH/SD, se tenha dado por meio de avaliações por testes psicométricos, visto que atualmente existem outros procedimentos de identificação que podem ser utilizados por professores e pedagogos, como, por exemplo, os instrumentos de Freitas e Barrera Pérez (2010).

Para oito participantes, a UAF também tinha como objetivos: acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores, com 73%; e oferecer informação, apoio e orientação aos professores, também com 73%. Se as UAF dos NAAH/S buscavam estreitar a relação entre a família, a escola e o aluno, é realmente muito importante acompanhar as atividades realizadas pelo educando na Unidade de Atendimento ao Aluno, para que seja possível orientar a família e o professor, que assim poderão contribuir para o atendimento às necessidades desse aluno no ambiente familiar e escolar.

Apoiar as ações de conscientização e sensibilização comunitárias sobre AH/SD, realizadas por entidades ou órgãos governamentais e não-governamentais, também fez parte dos objetivos da UAF, para 63% dos participantes. Sabe-se que ainda hoje existem mitos e preconceitos sobre a pessoa com AH/SD que dificultam a sua identificação e atendimento, sendo necessário divulgar informações e conhecimentos sobre a área das AH/SD (ALENCAR, 2007; FLEITH, 2007; BARRERA PÉREZ; FREITAS, 2011; BARRERA PÉREZ, 2003, 2004, 2012; RANGNI; COSTA, 2011). Essas ações

também poderão contribuir para o estabelecimento de novas parcerias que possam colaborar com o trabalho realizado junto ao aluno.

Na opinião de 63% dos participantes, desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD também foi apontado como um objetivo a ser alcançado. Muitas vezes, o aluno pode apresentar assincronismo em relação aos aspectos afetivos e cognitivos, ou ter dificuldades para interagir com seus pares, por apresentar interesses diferentes dos demais, colaborando para seu isolamento e até mesmo para sua inabilidade social (VIRGOLIM, 2010).

Para 63% dos participantes do estudo, apoiar os sistemas de ensino no planejamento e na organização do atendimento nas SRM também foi considerado um objetivo da UAF. Conforme o Decreto nº 7611/2011 (BRASIL, 2011), o atendimento do aluno com AH/SD poderá ser realizado nas SRM Tipo 1. Como já citado, Lima (2011) destaca que a maioria das instituições públicas de ensino oferece o atendimento ao aluno com AH/SD no ambiente de sala de recursos.

Compreende-se que a oferta de informações, apoio e orientação não deve limitar-se aos professores dos alunos que são atendidos no NAAH/S, mas estende-se a todos os professores que têm em sua sala de aula, seja na rede regular, seja em SRM, alunos identificados com AH/SD, tornando o NAAH/S referência para os demais serviços. Todavia, se o professor da SRM pode ter, em um mesmo espaço, alunos com AH/SD, deficiências e transtorno global do desenvolvimento, será que as atividades com esses alunos levam a bons resultados? Como atender um aluno que apresenta um atraso cognitivo e necessita, por exemplo, de adaptação curricular e de estratégias que possam contribuir para sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, outro aluno que necessita enriquecimento curricular e de procedimentos como a aceleração de estudos? Em meio a tanta diversidade, qual necessidade deverá ser priorizada ou considerada mais urgente para esse professor da SRM?

A tarefa do professor da SRM não se limita ao atendimento do aluno, mas, de acordo com o Art. 13 da Resolução CNE/CEB nº 4/2009 (BRASIL, 2009), o professor também deve buscar ou produzir recursos pedagógicos que favoreçam o desenvolvimento do aluno e estar em constante articulação com o professor do ensino regular e com a família. É importante refletir se, em razão da diversidade de alunos atendidos e de alunos com deficiências que estão tendo dificuldades escolares significativas, o atendimento ao aluno com AH/SD será reconhecido como necessário, tanto quanto o que é dado aos demais? Garcia (2013, p. 115) expõe:

O modelo de atendimento proposto pela atual política faz do professor de educação especial um ser multifuncional [...] que perante as necessidades de dar conta de tamanha abrangência, a qual contrasta com a restrição da formação baseada em atividades e recursos, o professor do AEE se transforma em um gestor de recursos de aprendizagem. Consideramos que assim se perde a essência da ação docente.

Quando perguntados se a UAF dos participantes tinha outro objetivo a ser acrescentado, nenhum deles (0%) se manifestou.

Como são vários os objetivos das UAF dos NAAH/S, solicitou-se aos participantes que indicassem, dentre os objetivos da UAF, dois que eles consideravam mais fáceis de serem alcançados. A tabela a seguir, apresenta os dados obtidos:

Tabela 3 – Objetivos considerados mais fáceis de serem alcançadas, na opinião dos participantes.

OBJETIVOS	Nº	%
Informar a família sobre os trabalhos desenvolvidos no NAAH/S.	8	73
Informar e orientar a família sobre AH/SD.	5	45
Oferecer suporte psicológico e emocional à família.	2	18
Oferecer informação, apoio e orientação aos professores.	2	18
Promover a aproximação entre família, escola e aluno.	1	9
Acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores.	1	9
Desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD.	1	9
Utilizar procedimentos de identificação de AH/SD, quando necessário.	1	9

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para 73% dos participantes, informar a família sobre os trabalhos desenvolvidos no NAAH/S foi o objetivo percebido por eles como o mais fácil de ser atingido. Supondo-se que o objetivo seja apenas informar, diversas estratégias podem ser utilizadas, mesmo sem a participação ou presença dos pais no núcleo, como, por exemplo, o uso de bilhetes, divulgação de cronograma de atividades, divulgação via *internet (site, blog, email)*. Até mesmo o próprio aluno poderá relatar à família os trabalhos desenvolvidos no NAAH/S. Maia-Pinto (2002), ao estudar as salas de recursos para AH/SD do Distrito Federal, destacou a necessidade de informar os pais sobre o trabalho realizado com os alunos, assim como orientá-los e informá-los sobre os objetivos pretendidos. Essa necessidade foi verificada porque muitos pais desconheciam os motivos de seus filhos frequentarem as salas de recursos.

Informar e orientar a família sobre AH/SD foi outro objetivo considerado pelos participantes como facilmente alcançável, com 45% de indicações. A seguir, com 18% de respostas cada, ofertar suporte psicológico e emocional à família e oferecer informação, apoio e orientação aos professores, foram consideradas tarefas fáceis de serem atingidas.

Podemos presumir que oferecer informações sobre AH/SD seja uma ação que depende principalmente da busca de referenciais teóricos capazes de embasar e estruturar a forma de repassar as informações aos pais. Esses referenciais devem estar diretamente relacionados à abordagem teórica adotada pelo NAAH/S para o atendimento aos alunos. Já, a oferta de suporte psicológico e emocional à família exige um conhecimento um pouco mais aprofundado e complexo, tanto da psicologia e da aplicabilidade da teoria e conceitos adotados a um caso específico, quanto do conhecimento das características dessa família e de seu filho com AH/SD. Talvez esse seja o motivo por que apenas dois participantes consideraram um objetivo fácil de ser realizado.

Considerando-se as possíveis expectativas desses professores por terem, em sua sala de aula, um aluno com AH/SD (CHAGAS, 2008), associadas aos conceitos equivocados sobre essa população, da qual se espera um desempenho extraordinário em tudo que faz (BARRERA

PÉREZ, 2003), acredita-se que essa não é uma tarefa fácil, exceto se esses professores já possuem informações e conhecimentos que ultrapassem o senso comum.

Promover a aproximação entre a família, a escola e o aluno foi considerado um objetivo de fácil alcance para um dos participantes (9%). Ao contrário dessa afirmativa, a Tabela 4, que será apresentada a seguir, mostra que, para 36% da população estudada, o referido objetivo foi considerado como um dos mais difíceis de serem concretizados.

Com uma resposta cada, os objetivos: acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores (9%); desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD (9%); e utilizar procedimentos de identificação de AH/SD, quando necessário (9%), foram ações apontadas como de fácil alcance pela UAF. Na Tabela 4, que será apresentada na sequência, verifica-se que esses objetivos também foram apontados pelos participantes como tarefas difíceis de serem alcançadas.

Em relação aos objetivos mais difíceis de serem obtidos (Tabela 4), verificou-se que um total de oito objetivos foram destacados. Para 36% dos participantes, promover a aproximação entre família, escola e aluno foi considerado uma ação difícil de ser alcançada. Também foi percebido como difícil, por 36% dos participantes, sensibilizar os pais sobre a importância de sua participação e cooperação com o desenvolvimento das atividades do NAAH/S. Esses dois objetivos são realmente complexos, na opinião da pesquisadora.

Tabela 4 – Objetivos considerados mais difíceis de serem alcançados, na opinião dos participantes.

Objetivos	Nº	%
Promover a aproximação entre família, escola e aluno.	4	36
Sensibilizar os pais sobre a importância de sua participação e cooperação para o desenvolvimento das atividades do NAAH/S.	4	36
Desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD.	4	36
Apoiar as ações de conscientização e sensibilização comunitárias sobre AH/SD realizadas por entidades ou órgãos governamentais e não-governamentais.	3	27
Orientar a família sobre aspectos educacionais que visem à independência, à interdependência sociocomunitária e ao ajustamento familiar.	2	18
Acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores.	1	9
Apoiar os sistemas de ensino no planejamento e na organização do atendimento nas SRM.	1	9
Utilizar procedimentos de identificação de AH/SD, quando necessário.	1	9

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Será exigido esforço dos profissionais da unidade para conscientizarem tanto a escola quanto a família sobre a importância delas no desenvolvimento e atendimento das necessidades do aluno com AH/SD (CHAGAS, 2008). Essa conscientização deve levar a escola a elaborar estratégias pedagógicas que visem ao desenvolvimento do aluno, e a família a dar-lhe apoio

e incentivo e a disponibilizar recursos suficientes para atender as demandas educacionais e afetivas do filho. Muitas vezes, por dificuldades socioeconômicas, os pais também podem encontrar dificuldades para estar mais presentes às atividades ofertadas ao filho pelo serviço, ou para encaminhá-los a elas.

Objetivo apontado também por 36% dos participantes, “desenvolver ações que otimizem a integração social da pessoa com AH/SD”, foi percebido como muito difícil de ser realizado. Esse objetivo pode estar relacionado às dificuldades socioeconômicas das famílias, ou seja, mesmo que o NAAH/S promova atividades para os alunos ou para estes e suas famílias, haverá o risco do seu não comparecimento devido às dificuldades financeiras para o custeio do transporte, de alimentação e demais despesas. Chagas e Fleith (2009) insistem na necessidade de investimento em estrutura e suporte social, como transporte, bolsa de estudo, entre outros, ao se perceber que a condição socioeconômica da família pode dificultar sua participação e a de seus filhos em programas de AEE. Outra possível causa pode estar associada ao desconhecimento dos pais no que se refere aos motivos do atendimento ofertado. Talvez seja esse o fato de apenas um participante apontar tal objetivo como facilmente alcançável (Tabela 3).

“Apoiar as ações de conscientização e sensibilização comunitárias sobre AH/SD realizadas por entidades ou órgãos governamentais e não-governamentais” foi apontado como algo difícil de ser feito por 27% dos participantes. Possivelmente, pela pouca divulgação da área que ainda está submetida a muitos preconceitos, crenças e informações errôneas, o que prejudica a valorização dos serviços de atendimento e, principalmente, a identificação dessas pessoas.

Para 18% dos participantes, “orientar a família sobre aspectos educacionais que visem à independência, à interdependência sociocomunitária e ao ajustamento familiar” foi algo difícil de ser concretizado. Há de se considerar novamente a possível dificuldade em fazer com que os pais participem das atividades ofertadas no NAAH/S ou na UAF por terem dificuldades socioeconômicas ou, também, por não compreenderem ou desconhecerem os objetivos pelos quais seus filhos frequentam o serviço (MAIA-PINTO, 2002).

“Acompanhar as atividades dos alunos com AH/SD para informação e orientação aos pais e professores” foi considerado, por 9% dos participantes, como difícil de ser realizado. Podem ser levantadas algumas especulações sobre esse item, que compreende, por exemplo, o envolvimento da equipe em outras atividades consideradas mais relevantes ou sobre a própria estrutura física do NAAH/S, que pode utilizar outros locais para o atendimento ao aluno, locais que poderiam dificultar o envolvimento da equipe da UAF.

Também para 9% da população participante, foi considerado difícil “apoiar os sistemas de ensino no planejamento e na organização do atendimento nas SRM”. Essa dificuldade pode ter como causa os pontos já discutidos na Tabela 2, que envolvem tanto a diversidade da população atendida nas SRM e na organização quanto o planejamento dos atendimentos, além de outras atividades que o professor deve realizar, como a produção de recursos e materiais pedagógicos, a articulação entre o AEE, a escola e a família, enfim, como bem coloca Garcia (2013), esse professor acaba sendo multifuncional e possivelmente de difícil acesso. Há também que se considerar que, para que tal objetivo se efetive, é necessário o deslocamento dos profissionais da UAF para escolas que atendam o aluno com AH/SD nas

SRM. Caso o NAAH/S não possua veículo próprio, ou acessível, como se dará o deslocamento para essas escolas ou até mesmo para municípios vizinhos?

Por fim, “a utilização de procedimentos de identificação de AH/SD” foi indicada por 9% dos participantes também como de difícil realização. Tal dificuldade pode existir pela ausência do psicólogo na equipe da UAF, ou porque não há recursos financeiros suficientes para adquirir os instrumentos e materiais utilizados pelo psicólogo para o processo avaliativo. Em estudo realizado por Lyra (2013), foi verificada dificuldade do NAAH/S em conseguir mais profissionais e recursos financeiros para aquisição de materiais e equipamentos, uma vez que os órgãos responsáveis investem pouco recurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, algumas considerações puderam ser conjecturadas. Foi possível observar que os profissionais que atuavam nas unidades eram, em sua maioria, pedagogos e psicólogos, mas existiam também outras formações, que iam do ensino médio/técnico a outros cursos superiores. Em relação aos objetivos estabelecidos pelas UAF dos NAAH/S participantes, corroboram as orientações estabelecidas pelo Documento Orientador (BRASIL, 2006) e com as reflexões de estudiosos e pesquisadores da área. Também foi verificado que alguns objetivos, os mais específicos, estão coerentes com a formação dos profissionais que atuam em cada serviço, como por exemplo, a oferta de apoio emocional à família, ofertada apenas pelas unidades que têm em seu quadro o psicólogo.

Ressalta-se que embora se observe um crescimento nos estudos sobre as AH/SD no Brasil – verificados por meio do número de publicações em periódicos científicos, teses e dissertações – ainda é observada escassez de referencial teórico sobre a família da pessoa com AH/SD e seu atendimento, além da total ausência de estudos sobre a UAF dos NAAH/S. Acredita-se que futuros estudos e pesquisas científicas poderiam contribuir para melhoria do serviço e de propostas de trabalho, caso também fossem amplamente discutidos e divulgados em mais ocasiões além dos eventos e publicações acadêmicas, o que muitas vezes os profissionais não têm acesso.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.; SORIANO, M. L. Indivíduos com altas habilidades/superdotação: clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas. In: FLEITH, D. S. (Org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: orientação a professores*. Brasília: MEC/SEESP, v. 1, p. 13-23, 2007.
- ANJOS, I. R. S. *Dotação e talento: concepções reveladas em dissertações e teses do Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.
- ASPESI, Cristina de Campos. A família do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (Org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: o aluno e a família*. Brasília: MEC/SEESP, v. 3, p. 29-47, 2007.
- BABBIE, E. *Métodos de pesquisa de survey*. Tradução de Guilherme Cezarino. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRERA PÉREZ, S. G. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, v. 2, n. 22, p. 45-59, 2003.

BARRERA PÉREZ, S. G. *Gaspazinho vai à Escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre.

BARRERA PÉREZ, S. G. E que nome daremos à criança? In: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. (Orgs.). *Altas habilidades/superdotação, talento, dotação e educação*. Curitiba: Juruá Editora, p. 45-61, 2012.

BARRERA PÉREZ, S. G.; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com altas habilidades/superdotação na educação básica: o cenário brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 109-124, jul./set., 2011.

BRASIL. *Decreto N° 7.611, de 17 de novembro de 2011*. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-Decreto/D7611.htm#art11>. Acesso em: 21 ago. 2012.

BRASIL. Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAHS. *Documento Orientador*. Brasília: MEC/SEESP, Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em: 9 set. 2012.

BRASIL. *Manual de orientação: programa de implantação de salas de recursos multifuncionais*. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. *Inclusão: Rev. Educ. Esp.*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 1-61, jan./jun. 2008. Ed. Especial. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009*. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade de Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17. 2009. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/Resol_4_2009_CNE_CEB.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2013.

CHAGAS, J. F. *Adolescentes talentosos: características individuais e familiares*. 2008. 228f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CHAGAS, J. F.; FLEITH, D. S. Estudo comparativo sobre superdotação com famílias em situação socioeconômica desfavorecida. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.15, n.1, p.155-170, jan./abr., 2009.

FLEITH, D. S. Altas habilidades e desenvolvimento socioemocional. In: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E.; SORIANO M. L. (Orgs.). *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, p. 41-50, 2007.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. *Altas habilidades/superdotação: atendimento especializado*. Marília: ABPEE, 2010.

GARCIA, R. M. C. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 101-239, jan./mar., 2013.

LIMA, D. M. M. P. *O professor universitário frente às estratégias de identificação e atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LYRA, J. C. *Atendimento educacional especializado de alunos com altas habilidades/superdotação na cidade de Londrina, Paraná: um estudo de caso*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

MAIA-PINTO, R. R. *Avaliação das práticas educacionais implementadas em um programa de atendimento a alunos superdotados e talentosos*. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

MARQUEZINE, M. C. *Formação de profissionais/professores de Educação Especial-deficiência mental e curso de pós-graduação lato sensu: um estudo de caso*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Marília, 2006.

PROPOSTA de Lei da Câmara Nº 31 de 2010. *Propõe a regulamentação da profissão de psicopedagogo*. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=96399>. Acesso em: 20 set. 2013.

RANGNI, R. A.; COSTA, M. P. R. Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens. *Revista de Educação Especial*, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 467-82, set./dez., 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

SABATELLA, M. L. P. Atendimento às famílias de alunos com altas habilidades. In: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E.; SORIANO, M. L. (Org.). *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, p. 143-150, 2007.

SABATELLA, M. L. P. Excelência na aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação. In: BRASIL. *Ensaio pedagógico para a implantação de Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação*. Brasília: MEC/SEESP, 2005. p. 47-54.

SAKAGUTI, P. M. Y.; BALSANELLO, M. A. A família e o aluno com altas habilidades/superdotação. In: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. (Org.) *Altas habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação*. Curitiba: Juruá Editora, p. 221-235, 2012.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. A influência da família no desenvolvimento da superdotação: a família e o indivíduo superdotado. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional – ABRAPEE*, v. 12, n. 2, p. 377-346, jul./dez., 2008.

VIRGOLIM, A. M. R. Aspectos emocionais e assíncronicos da Superdotação. In: Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação, 1.; Encontro Nacional Do Conbrasd, 4.; Seminário de Altas Habilidades/Superdotação da UFPR, 4., 2010, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2010. p. 1-13. CD-ROM.

Recebido em 17/03/2014

Aprovado em 31/03/2014

